



# limiares da liberdade<sup>1</sup>

*edson passetti & acácio augusto*

## Abertura

Lili:

“Lá onde reinam a simplicidade e a ordem, não pode haver teatro nem drama, o verdadeiro teatro nasce, como a poesia, por outras vias, de uma anarquia que se organiza, após as lutas filosóficas que são o lado apaixonante dessas primitivas unificações.”<sup>2</sup>

Gus:

“ao contrário do caracol , a gente carrega a casa dentro da gente, o que nos capacita a voar , ou ficar , para apreciar tudo. Mas cuidado com o que for assustadoramente belo”<sup>3</sup>

Acácio:

“Muita coisa pode acontecer entre o cálice e o lábio.”<sup>4</sup>

*Edson Passetti é professor livre-docente no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP; coordena o Nu-Sol e o Projeto Temático FAPESP Ecpolítica. Contato: passetti@matrix.com.br. Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor substituto no Departamento de Política da PUC-SP e professor de Ciência Política e Sociologia no curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br.*



Lili:

“A filha do gramático ajuntou-se e teve uma criança do gênero masculino, feminino e neutro.”<sup>5</sup>

Gus:

“Só isso, a vida: um instante de prazer. Para longe, mágoas. Se é tão breve a existência dos homens, que venha Baco...”<sup>6</sup>

Acácio:

“Nenhum magistrado apareceu que fosse puro e bom, duas noções provavelmente inconciliáveis; benévolo é quem rouba, o puro está cheio de arrogância: ambas as qualidades [são órgãos do poder].”<sup>7</sup>

Gus:

“Acaso estamos mortos e só aparentamos estar vivos ?

Coro:

Acaso estamos mortos e só aparentamos estar vivos?...

Acácio:

Nós gregos caídos em desgraça,  
que imaginamos a vida semelhante a um sonho,  
ou estamos vivos e foi a vida que morreu?

Lili:

ou estamos vivos e foi a vida que morreu?

Gus:

e foi a vida que morreu?”<sup>8</sup>

Sofia:

“Muita coisa pode acontecer entre o cálice e o lábio.”<sup>9</sup>

## 1ª parte. Cronópios

Acácio:

“Saudações, maravilhosos meninos norte-americanos



## verve

limiares da liberdade

chamados a lavar a lepra hereditária  
irrompendo na sala quando o pai e a mãe viam televisão  
com uma saudável, perfeita apunhalada, com um golpe de  
ferro na cabeça (...)  
Saudações, jovens heróis, assassinos de um tempo proxeneta.  
Legítima defesa, rapazinho, estão tentando te estuprar, te  
encurralam  
(...) Vai derrota-os  
não te vendo palavras, mata-os de verdade para que vivam,  
quero dizer: arranca-os pela raiz,  
quebra em pedaços a roda das rodas, destrói a cusparada da  
história  
que masturba seus macacos ao ritmo das máquinas da Time

Coro:  
Time, Time, Time...

Sofia:  
(...) (Alguns poucos, vivem se desacostumando.  
São mortos aos montes, mas sempre  
Há algum que escapa,  
Que espera na saída da escola  
Para incentivar o colegial de olhos de gelo  
E lhe oferecer um canivete.)”<sup>10</sup>

Gus:  
“A diferença entre um doido e um maluco é que o doido  
tem a tendência de se achar cordato

Coro:  
Cordato, cordato, cordato, cordato

Leandro:  
enquanto o maluco, sem refletir sistematicamente sobre a  
coisa, sente que os cordatos são muito sementeira simétri-  
ca e relógio suíço,

Coro:  
relógio suíço, relógio suíço



Gus:

(...) os dois depois do um e antes do três, de maneira que sem emitir juízo, porque um maluco nunca é um bom-pensante ou uma boa consciência ou um juiz de plantão, esse camarada continua o seu caminho por baixo da calçada e meio a contrapelo, e vai daí...

Coro:

e vai daí, e vai daí, e vai daí, e vai daí

Leandro:

...e vai daí que enquanto todo o mundo freia o carro quando vê o sinal vermelho,

Gus:

... ele pisa no acelerador e Deus te livre.

Leandro:

Para entender um doido convém um psiquiatra, mas nunca é suficiente;

Gus:

para entender um maluco basta o senso de humor.

Acácio:

Todo maluco é cronópio,

Coro:

O quê?

Sofia:

Cronópio.

Lili:

Cronópio!?

Gus:

Todo maluco é cronópio, ou seja, o humor substitui parte das faculdades mentais que constituem o orgulho de um



## verve

limiares da liberdade

prof. ou um dr. cuja única saída em caso de fala é a loucura, ao passo que ser maluco não é nenhuma saída, mas uma chegada.”<sup>11</sup>

Leandro:

“Nos oitenta mundos da minha volta ao dia há portos, hotéis e camas para os cronópios, e além disso citar é citar-se, como já disseram e fizeram mais de meia dúzia,

Gus:

...com a diferença de que os pedantes citam porque veste bem e os cronópios são terrivelmente egoístas e querem monopolizar seus amigos,

Coro:

...como eu.”<sup>12</sup>

Bia:

Como eu.

Sofia:

“Em meu país, as provas tenras da primavera e as aves mal vestidas são preferíveis às metas longínquas.  
A verdade aguarda a aurora ao lado de uma vela.  
Negligencia-se vidros e janelas. Não interessa ao atento.  
Em meu país, não se questiona um homem comovido.  
Não há sombra maligna sobre o barco virado.  
Bom-dia mal dado não se conhece em meu país.  
Só se pede emprestado o que pode voltar dobrado.  
Há folhas, muitas folhas, nas árvores de meu país.  
Os galhos são livres para não ter frutos.  
Não se crê na boa fé do vencedor.  
Em meu país, se agradece.”<sup>13</sup>

Lili:

“Ocorre com frequência que as reais tragédias da vida acontecem de tal maneira, sem qualquer apelo artístico, que elas nos ferem por sua violência crua, sua absoluta in-



coerência, sua absurda ausência de sentido, sua completa falta de estilo.

Flávia:

Elas nos afetam assim como a vulgaridade nos afeta. Elas nos dão uma impressão de pura força bruta, e nós nos revoltamos contra isso.

Mayara:

Por vezes, entretanto, uma tragédia que possui elementos artísticos de beleza atravessa nossas vidas.

Leandro:

Se esses elementos de beleza são reais, tudo simplesmente desperta nossa percepção de efeito dramático.

Acácio e Gus:

De repente, nos damos conta que não somos mais os atores, mas os espectadores da peça. Ou melhor, que somos ambos.”<sup>14</sup>

## 2ª parte. Campos de Concentração

Acácio:

“Ergueu-se a muralha  
em volta do povo  
bodes se matavam  
chifre contra chifre.”<sup>15</sup>

### Gueto

Flávia:

“É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade,

Mayara:

pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento:



## verve

limiares da liberdade

Joana e Bia:

o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas.”<sup>16</sup>

Acácio:

“Cunhado por derivação do italiano *giudecca*, *borghetto* ou *gietto* (do alemão Gitter ou do hebreu talmúdico *get*), a palavra “gueto” se referia inicialmente à consignação forçada de judeus a distritos especiais por parte das autoridades políticas e religiosas da cidade.

Gus:

Na Europa medieval, os judeus eram comumente alocados em bairros onde residiam, administravam seus próprios negócios e viviam segundo seus costumes. [...]

Leandro:

No entanto, entre os séculos XIII e XVI, como réplica aos motins causados pelas Cruzadas, o benefício aos poucos se transformou em obrigação. [...]

Lili:

Os judeus tinham autorização para sair durante o dia para exercer suas ocupações, mas tinham de vestir um traje distintivo e retornar para o interior do recinto antes do pôr do sol,

Sofia:

sob pena de graves punições.”<sup>17</sup>

Joana e Bia:

O uniforme! A identificação; a acusação; a peste...

Coro:

A Peste!

Acácio:

“O *Judenstadt* de Praga, o maior gueto da Europa no século XVIII, tinha sua própria prefeitura – o *Rathaus*, símbolo



da relativa autonomia e de força comunitária de seus residentes –, e suas sinagogas se encarregavam não só da direção espiritual como da supervisão administrativa e judicial da população.

Gus

A vida social do gueto judeu era voltada para seu interior e tendia à sobreorganização, de maneira que reforçava tanto a integração interior como o isolamento em relação ao exterior.”<sup>18</sup>

Lili:

Endogamia; amor separado; amor por si; amor de si; tanto amor para perdão e traição, desespero e holocausto.

Flávia:

Separados eles permanecem juntos até que um poder de fora alicie um poder de dentro, levando destruição e auto-aniquilamento:

Flávia, Hannah e Ricardo:

no gueto só há vida provisória!

Joana e Bia:

no gueto só há vida provisória!

Sofia:

“Os afro-americanos não tiveram outra escolha senão buscar refúgio no perímetro restrito do Cinturão Negro e tentar desenvolver ali uma rede de instituições próprias, capaz de satisfazer as necessidades básicas da comunidade exilada.

Acácio:

Surgiu, assim, uma cidade paralela, ancorada em igrejas e jornais negros, lojas maçônicas e clube de bairros negros, escolas e empresas negras, associações políticas e civis negras, aninhada no coração da metrópole branca...





Leandro:

...e, no entanto, hermeticamente separada dela por uma cerca intransponível,

Gus:

feita de costumes, pressão legal, discriminação econômica (por agentes imobiliários, bancos e Estado) e violência,

Leandro:

que se manifestava em agressões e espancamentos, incêndios punitivos e levantes contra aqueles que ousavam se aventurar do outro lado da linha de demarcação racial (*color line*).<sup>19</sup>

Sofia:

Hoje pelos direitos de minorias, os chamados direitos de terceira geração, e depois da formação de sólidas linhagens de vida confinada já se pode sair e entrar *na paz*. Sair para o trabalho; entrar como turista.

Acácio:

A raiva de cada um se transforma em amor pelo local; o medo do gueto em amor pela identidade.

Joana e Bia:

Vivemos pela sensação de estar vencendo. (Pausa) O quê? O inimigo imediato... o passado, a separação... o terror

Coro:

O terror!

Gus:

“O terror é a homenagem que solitários rancorosos rendem à fraternidade dos homens.”<sup>20</sup>

Acácio:

Não há terror sem irmandade, sem o que os identifica e que nos é insuportável.



Sofia:

Na irmandade está o apreço insustentável pelo amor. E onde há amor há tolerância com o outro, desde que ele seja nosso espelho e se reconheça inferior.

Flávia:

Não se queira com identidade, com nenhuma;

Lili:

pronuncie um não afirmativo pra você e me responda: “pode a vida genuína acontecer sem alguma loucura, algum excesso?”<sup>21</sup>

Gus:

pode a vida genuína acontecer sem alguma loucura, algum excesso?

Mayara:

Nada acaba fora se não estiver arruinado dentro.

Hannah:

O incompatível não é uma mera questão filosófica.

## Arquipélago

Lili:

“A todas as horas para lá voam aviões, navegam barcos e marcham trens sem que neles se veja uma só inscrição que indique o lugar de destino. (...)”

Sofia:

Aqueles que vão dirigir o arquipélago chegam lá por intermédio da Escola do Ministério do Interior.

Joana e Bia:

Aqueles que vão ser guardas no arquipélago são convocados por intermédio de seções militares.



limiares da liberdade

Hannah e Ricardo:

Aqueles que vão morrer, como você ou eu,

Hannah:

esses devem passar infalível e exclusivamente

Hannah e Ricardo:

pela detenção.

Gus:

[...] Nem com a vista nem com o pensamento tentamos penetrar no que há por trás, quando é ali mesmo, bem perto, a dois metros de nós, que começa.

Leandro:

Nem ainda distinguimos, nesses tapumes, a inúmera quantidade de portas estreitas e bem ajustadas, bem camufladas.

Flávia:

Todas, todas essas portas foram preparadas para nós!

Acácio:

E eis que uma se abre rápida e fatal, e que quatro mãos brancas, masculinas, não habituadas ao trabalho, mas como garras, nos prendem pelas pernas, pelos braços, pelo colarinho, pelo boné ou por uma orelha e nos arrastam como um fardo, enquanto a porta fica para trás de nós, a porta da nossa vida passada, fechada para sempre.

Coro:

E é tudo!"<sup>22</sup>

Lili:

“As milhares de ilhas desse enfeitado arquipélago (...) são invisíveis, mas existem, e é de modo invisível mas constante que se deve transportar, de ilha em ilha, escravos também invisíveis, embora estes tenham carne, volume, peso.



Joana e Bia:

Mas como transportá-los? E por que meios?

Sofia:

Há para isso grandes portos: as prisões de trânsito;

Lili:

e outros menores: os campos de trânsito.

Joana e Bia:

Há também navios de aço bem fechados.”<sup>23</sup>

Flávia:

“Num instante, todos os hábitos de convivência humana em que se tinha vivido estalam e se quebram.”<sup>24</sup>

Gus:

“Os condenados devem compreender que a sua maior culpa residuiu na tentativa de comunicarem ou unirem-se de qualquer forma uns com os outros, fora do controle do organizador.”<sup>25</sup>

## **Theresienstadt**

Lili:

“Durante a Guerra, alguns rumores sobre os episódios horríveis e extremos perpetuados sob o Terceiro Reich se espalharam pelo mundo.

Hannah:

Os nazistas precisaram responder a esta preocupação crescente principalmente em relação aos judeus e no entanto continuar com a sua *solução* para a questão judaica.

Leandro:

Então, foi mostrado ao mundo que Hitler reformou uma cidade especialmente para os judeus em final de 1941, para protegê-los das pressões da guerra.



Joana e Bia:

Isso ocorreu em Terezín, cidadezinha do século XVIII,  
perto de Praga.

Coro de mulheres:

PRAGA! PRAGA!

Gus:

(...) Para lá foram mandados músicos famosos, cientistas,  
escritores, artistas, líderes políticos, todos na maioria judeus.

Joana e Bia:

Antes da guerra, a cidade contava com 5 mil pessoas.

Flávia:

No auge da guerra, o campo de concentração/*ghetto* Terezín  
chegou a contar com 55 mil residentes.

Mayara:

A fome e as epidemias se mostraram avassaladoras, milha-  
res morreram,

Flávia:

os cadáveres eram queimados em crematórios com fornos  
de gás.

Sofia:

[...] A Cruz Vermelha foi uma vez autorizada a visitar Terezín  
para checar denúncias de que os judeus estavam sendo mal-  
tratados.

Lili:

A cidade passou a ser arrumada e enfeitada para a oca-  
sião (...). As vitrines de lojas ao longo daquele percurso  
cuidadosamente vigiado apareceram lotadas de produtos  
naquele dia.

Leandro:

(Depois da visita, os nazistas ficaram tão impressionados



com sua façanha propagandística que decidiram fazer um filme no local). (...)

Sofia:

A Cruz Vermelha reportou secamente que, apesar das condições de guerra terem tornado a vida difícil, viver em Terezín era aceitável, considerando-se todas as pressões.

Joana e Bia:

A Cruz Vermelha concluiu que os judeus eram bem tratados.”<sup>26</sup>

Ricardo:

A Cruz Vermelha concluiu que nós éramos bem tratados.

## **Um preto anarquista**

Cabelo:

Nome?

Gus:

Domingos Passos anarquista do Rio de Janeiro

Cabelo:

Cor?

Gus:

Preta.

Cabelo:

Destino?

Gus:

...deportação para o Campo de concentração de Clevelândia, Oiapoque, Amapá, 1924.

Acácio:

“Passos foi um dos raros deportados que conseguiu fugir



## verve

limiares da liberdade

daquele inferno graças a seu espírito de luta, a sua decisão e a sua resistência física.

Leandro:

Pôde realizar essa façanha porque a vigilância não era rigorosa, uma vez que se sabia que, todo fugitivo que se aventurasse pelas matas morreria de fome, de sede e geralmente comido pelas feras.

Lili:

Teve de atravessar rios a nado, alimentar-se de ervas silvestres e comer a casca de uma árvore conhecida na região para combater a terrível febre palustre ali adquirida e que graçava na região da Clevelândia (...).

Sofia:

Quando foi deportado para o Oiapoque já havia percorrido a maioria dos estados do Brasil, e em todos ele conhecia as prisões (...).

Flávia:

Quando Domingos Passos chegou a São Paulo fugido das terríveis regiões inóspitas da Clevelândia, a campanha [para a libertação] de Sacco e Vanzetti estava em franco andamento (...).

Mayara:

Muitas vezes teve de abandonar apressadamente as nossas reuniões, tremendo e ardendo em febre, para ir acamar-se em sua casa até a crise da palustre passar.”<sup>27</sup>

Acácio:

Um dia desapareceu. Em 1936, um jornal de Santos noticiou: o anarquista Domingos Passos embarcou. Nunca mais se ouviu falar dele.

Gus:

“Enquanto tu e eu tivermos lábios e vozes que  
Servem para beijar e cantar



Que importa que um qualquer limitado filho da mãe  
Invente um instrumento que sirva para medir a primavera?<sup>28</sup>

## Uma criança

Flávia:

“Aquele que recorda o passado perde um olho. E aquele que o esquece perde os dois!” (...)

Acácio:

A política dos Gulags, colocada já para Lênin, era uma questão de ‘profilaxia social’ que devia se estender a crianças e jovens. A caça aos anarquistas passou a se entrelaçar com a caça a crianças e jovens.

Lili – a professora:

O berçário também era parte do complexo do campo. Tinha sua própria guarita, seus próprios portões, seus próprios barracões, seu próprio arame farpado. (...) ‘Quando [tentei] ensinar algo às crianças sob [meus] cuidados, [constatei] que apenas uma ou duas – aquelas que haviam mantido algum contato com as mães – se mostravam capazes de aprender alguma coisa. E mesmo a experiência dessas poucas crianças era limitadíssima: ‘Olhe, Anastas, [e mostrei a casinha que desenhei] O que é isso?’

Joana – Anastas:  
‘Alojamento’.

Lili – a professora:

Com algumas canetadas, pus um gato ao lado da casa. Mas ninguém, nem mesmo Anastas, reconheceu o bicho. Nunca tinham visto aquele animal raro. Aí desenhei uma cerca rústica, tradicional, em volta da casa. (Silêncio) ‘E o que é isso?’

Joana:

‘A zona prisional’ ([ela] gritou encantada).<sup>29</sup>





## Uma dieta

Leandro:

“Há pouco tempo, a veracidade de um episódio particularmente horripilante, que durante muito tempo fora parte do folclore dos sobreviventes dos campos, viu-se confirmada por um documento encontrado nos arquivos de Novosibirsk.

Flávia:

Assinado por um funcionário do Comitê do Partido em Narym, na Sibéria ocidental, e enviado à atenção pessoal de Stálin em maio de 1933, descreve com precisão a chegada à ilha de Nazino, no rio Ob, de um grupo de camponeses desterrados, descritos como ‘elementos retrógrados’.

Sofia

O primeiro comboio trazia 5.070 pessoas, e o segundo, 1.044. Ao todo, 6.114.

Coro

Seis mil cento e quatorze elementos retrógrados.

Sofia:

As condições de transporte eram chocantes: a pouca comida disponível não estava em condições de consumo, e os deportados ficavam apinhados em espaços nos quais o ar quase não circulava. [...]

Flávia:

O resultado foi uma mortalidade diária de 35 a 40 pessoas.

Leandro:

Contudo, essas condições de vida eram luxuosas se comparadas ao que aguardava os deportados em Nazino.

Joana e Bia:

(...) A ilha é um lugar totalmente desabitado, desprovido de povoações de qualquer tipo. (...) Não havia ferramentas, sementes nem comida. Foi assim que começou a nova vida.



Lili:

Em 19 de maio, no dia seguinte à chegada do primeiro comboio, recomeçou a nevar, e o vento ficou mais forte.

Flávia:

Famintos, emaciados após meses de alimentação insuficiente, sem abrigo e sem ferramentas (...), estáva[mos] presos em uma armadilha.

Mayara:

Nem sequer consegu[íamos] acender fogueiras para espan-  
tar o frio.

Hannah:

Começam[os] a morrer em número cada vez maior. (...)

Ricardo:

No primeiro dia foram enterradas 295 pessoas.

Coro:

Duzentas e noventa e cinco pessoas.

Leandro:

Foi somente no quarto ou quinto dia depois da chegada do comboio à ilha que autoridades enviaram de barco um pouco de farinha, não mais que algumas libras por cabeça.

Sofia:

Depois de recebida a mísera ração, as pessoas corriam para a margem e tentavam misturar um pouco de farinha com água, usando seus chapéus, suas calças ou seus casacos.

Lili:

A maioria [de nós] simplesmente tentou comê-la assim mesmo, e alguns engasgaram até a morte. Essa minúscula quantidade de farinha foi a única comida que [recebemos] durante toda a [nossa] estada na ilha. (...)



limiares da liberdade

Leandro:

O funcionário do Partido contava que, três meses depois, em 20 de agosto já haviam [morrido] quase 4 mil dos 6.114 ‘colonos’ originais.

Ricardo:

Os sobreviventes só não tiveram o mesmo destino porque comeram a carne dos mortos.

Acácio:

Segundo um preso que encontrou alguns desses sobreviventes na prisão de Tomsk, eles pareciam “cadáveres ambulantes”, e todos estavam detidos — acusados de canibalismo.”<sup>30</sup>

Coro:

Canibais! Canibais!

### **Enumeração de campos de concentração:**

Sofia:

Breitenau, Dachau, Mauthausen: Alemanha.

Ricardo:

Theresienstadt: Tchecoslováquia.

Acácio:

Varsóvia, Treblinka, Sobibor: Polônia.

Gus:

Salçepar, Krasnojarsk, Novosibirsk, Minsk: União Soviética.

Hannah:

Lodz, Chelmno, Auschwitz: Polônia.

Mayara:

Clevelândia do Norte, Ponta Grossa, Tomé-Açu, Alagadiço – Fortaleza: Brasil.



Lili:

Cabo Verde, Chão-Bom – campo do Tarrafal: Portugal.

Leandro:

Miranda de Ebro, Castruera, La Isla Grã Canária, Los Merinales, de los Almendros: Espanha.

Joana:

Drancy: França. Kwaliso, nome dos campos numerados de reeducação: Coreia do Norte.

Flávia:

Campo 731, um dos números de campos de reeducação: China.

Bia:

Cristal City – Texas, campo de concentração de alemães nos Estados Unidos para trocas com prisioneiros judeus durante a II Guerra Mundial; Manzanar – Califórnia.

## Para dar um fim à compaixão

Gus:

“Um dia você dirá, estou cansado, vou me sentar, e sentará. Então você dirá, tenho fome, vou me levantar e conseguir o que comer. Mas você não levantará. E você dirá, fiz mal em sentar, mas já que sentei, ficarei sentado mais um pouco, depois levanto e busco o que comer. Mas você não levantará e nem conseguirá o que comer. Ficaré um tempo olhando a parede, então você dirá, vou fechar os olhos, cochilar talvez, depois vou me sentir melhor, e você os fechará. E quando reabrir os olhos, não haverá mais parede. (*Pausa*) Estará rodeado pelo vazio do infinito, nem todos os mortos de todos os tempos, ainda que ressuscitassem, o preencheriam, e então você será como um pedregulho perdido na estepe.”<sup>31</sup>

Leandro:

“Onde cessa o Estado, somente ali começa o homem que



não é supérfluo, ali começa o canto do necessário, essa melodia única e insubstituível.”<sup>32</sup>

### 3ª parte

Lili:

“Cada um de nós tem o seu governo interior: tudo o que vem de fora, não constituindo uma nota de beleza, de harmonia vibrando em uníssono com a nossa harmonia, é violência que gera violência, é ódio que gera ódio. Mandar como obedecer, é covardia: degrada, avilta, imbeciliza.”<sup>33</sup>

Acácio:

“Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos.

Gus:

A conclusão seria que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado...”<sup>34</sup>

Sofia:

“Resistir também não é mais uma atitude que ocorre em lugares ou atravessa a estratificação. É preciso se desdobrar velozmente. É preciso ser intenso, virar vacúolo. (...) Outras (...) *associabilidades*. Diante da ideia, o fato; da perfeição, o imperfeito; da utopia a heterotopia; do futuro, o presente; da fraternidade, a amizade.”<sup>35</sup>

## A surra

Cabelo:

Boa Noite, Nise da Silveira, mulher subversiva.

Salete (levanta-se da plateia):

“Nos livros, lia-se que os esquizofrênicos não possuíam afetividade. Fiquei muito desconfiada... Morando no hospi-



tal, compreendi que não havia nada disso. Eu vi e senti que eles possuíam sensibilidade; o problema era *como vir à tona*. Logo após me mudar para lá, uma das internas, que se chamava Luíza, foi se tornando minha amiga. Ela não falava, mal se expressava. Me olhava, de longe. Aos poucos, tentei uma aproximação, comecei a conversar [com ela]. Com o tempo, se apegou a mim. Era considerada, por todos os médicos, uma completa idiota, imprestável. Então deu-se uma coisa curiosa: Luíza começou a me trazer o café da manhã por iniciativa própria. Bem cedo, pelas quatro da madrugada, ela batia na porta do meu quarto. Eu não acordava tão cedo assim. Tinha o sono pesado, sempre tive. Por isso, era difícil levantar e abrir a porta. Então, inventei a seguinte coisa: eu dormia com um barbante perto da cama, ele ficava ligado à maçaneta da porta. Quando Luíza chegava eu puxava o fio, a porta se abria e ela entrava com o meu café da manhã, para me agradar. Silenciosa, colocava a bandeja em cima da mesa, para eu comer depois. Sentava-se em uma cadeira, num cantinho do quarto, esperando que eu acordasse. Então, eu tomava o café frio... paciência. Vália a pena. Assim era nossa amizade.' Foi exatamente a louca Luíza que, após saber, em março de 1936, que [eu] sua amiga Nise fora presa pela ditadura de Getúlio Vargas, deu provas de sua lealdade. Quando lhe contaram que a detenção se deu por conta da delação de uma enfermeira da ala Morel, se vingou da delatora, dando-lhe uma surra triunfal. (...) Afinal, a maldita enfermeira arrancou de Luíza sua única amiga naquele hospício. 'Aquela surra foi histórica. Mudou os rumos da psiquiatria...' (...) Me contaram que ela bateu para valer, só não matou a outra porque os enfermeiros seguraram. E depois dizem que esquizofrênicos não têm sentimentos, são *anafetivos*... Não sei de onde tiraram essa ideia idiota de que esquizofrênico é indiferente. Não é não..."<sup>36</sup>

## À espera dos bárbaros

Leandro:

“O que esperamos na ágora reunidos?”



limiares da liberdade

Acácio:

É que os bárbaros chegam hoje

Gus:

Por que tanta apatia no Senado?

Cabelo:

Os senadores não legislam mais?

Acácio:

É que os bárbaros chegam hoje

Gus:

Que leis hão de fazer os senadores?

Acácio:

Os bárbaros que chegam as farão

Cabelo:

Por que o imperador se ergueu tão cedo  
E de coroa solene se assentou  
Em seu trono, à porta magna da cidade?

Acácio:

É que os bárbaros chegam hoje.

Gus:

O nosso imperador conta saudar  
O chefe deles. Tem pronto para dar-lhe  
Um pergaminho no qual estão escritos  
Muitos nomes e títulos.

Leandro:

Por que os dois cônsules e os pretores  
Usam togas de púrpura, bordadas,  
Pulseiras com grandes ametistas  
E anéis com tais brilhantes esmeraldas?



Cabelo:

Por que hoje empunham bastões tão preciosos  
De ouro e prata finamente cravejados?

Acácio:

É que os bárbaros chegam hoje,  
Tais coisas os deslumbram.

Gus:

Por que não vêm os dignos oradores  
Derramar o seu verbo como sempre?

Acácio:

É que os bárbaros, chegam hoje  
E aborrecem arengas eloquências.

Leandro:

Por que subitamente esta inquietude?

Cabelo:

(que seriedade nas fisionomias)

Gus:

Por que tão rápido as ruas se esvaziam  
E todos voltam para a casa preocupados?

Sofia:

Por que é já noite, os bárbaros não vêm  
E gente recém chegada das fronteiras  
Diz que não há mais bárbaros.

Acácio:

Sem bárbaros o que será de nós?  
Ah! Eles eram uma solução.<sup>37</sup>

Coro:

Eles eram uma solução





## Ítaca

Lili:

“se quiser empreender viagem a ítaca  
ligue antes  
porque parece que tudo em ítaca  
está lotado  
os hotéis baratos  
os hotéis caros  
já não se pode viajar sem reservas  
ao mar jônico  
e mesmo a viagem  
de dez horas parece dez anos  
escalas no egito?  
e os freeshops estão cheios  
de cheiros que você pode comprar  
com cartão de crédito.  
toda vida você quis  
visitar a Grécia  
era um sonho de infância  
concebido com adultidade  
(coisa de adultos?  
não escuto resposta)  
bem se quiser vá a ítaca  
peça a um primo  
que lhe empreste euros e vá a ítaca  
é mais barato ir à ilha de comandatuba  
mas dizem que o azul do mar  
não é igual.  
aproveite para mandar e-mails  
dos cybercafés locais  
quem manda postais?  
mande fotos digitais  
torre no sol  
leve hipoglós  
em ítaca compreenderá  
para que serve  
a hipoglós”<sup>38</sup>



## 1º de janeiro

Joana e Bia:

“Hoje percebo que o que escrevi ontem na verdade escrevi hoje: tudo que correspondia a 31 de dezembro escrevi no dia 1º de janeiro, isto é, hoje, e o que escrevi dia 30 de dezembro é o que escrevi dia 31, isto é, ontem. Na realidade, o que estou escrevendo hoje escrevo amanhã, que para mim será hoje e ontem, e também de certo modo amanhã: um dia invisível. Mas sem exagerar.”<sup>39</sup>

## Livres e firmes

Gus:

“Que a minha mão não trema  
ao deitar no fogo forte e primitivo  
todos os traidores que me deram veneno.  
[...]

Acácio:

E só ficará comigo  
o riso rubro das chamas, alumando o preto  
das estantes vazias.

Gus e Acácio:

Porque eu só preciso de pés livres,  
de mãos dadas,  
e de olhos bem abertos.”<sup>40</sup>

Coro:

Porque eu só preciso de pés livres,  
de mãos dadas,  
e de olhos bem abertos.

FIM



## Notas

<sup>1</sup> Aula-teatro 13 do Nu-Sol. Pesquisa: Nu-Sol. Releitura da Aula-Teatro 5, apresentada em 8 e 9 de junho de 2009, no Tucarena – São Paulo. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro (Bia), Eliane Knorr (Lili), Flávia Lucchesi, Gustavo Simões (Gus), Hannah Maruci, Leandro Siqueira, Mayara de Martini Cabeleira, Ricardo Campello, Salete Oliveira, Sofia Osório. Produção gráfica: André Degenszjain. Operadora de Luz: Luíza Uehara. Convidada: Joana Egypto. Trilha sonora original: Gustavo Ramus e Wander Wilson Chaves Jr. Violões: Gustavo Ramus, Wander Wilson Chaves Jr. e Flávia Lucchesi. Trilha adicional e ambientação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> Antonin Artaud. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo, Max Limonad, 1984, pp. 68-69.

<sup>3</sup> John Cage. *De segunda a um ano*. Tradução de Rogério Duprat e Augusto de Campos. São Paulo, Hucitec, 1985, pp. 105-106.

<sup>4</sup> Palas de Alexandria. *Epigramas*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo, Novalexandria, 2001, p. 59.

<sup>5</sup> Idem, p. 57.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>10</sup> Julio Cortazar. “Aumenta a criminalidade infantil nos Estados Unidos” in *A volta ao dia em 80 mundos* (1967). Tradução de Ari Roitman e Paulina Wach. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 1, 2008, pp. 91-95.

<sup>11</sup> Julio Cortazar. *Último round*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wach. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 2, 2008, pp. 128-130.

<sup>12</sup> Julio Cortazar. *A volta ao dia em 80 mundos*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wach. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 1, 2008, p. 11.

<sup>13</sup> René Char. “Que ele viva!” in *O nu perdido e outros poemas*. Tradução de Contador Borges. São Paulo, Iluminuras, 1995, p. 91.

<sup>14</sup> Oscar Wilde. *The picture of Dorian Gray*. Londres, Penguin Books, 2006, p. 98 [Tradução do trecho escolhido por Andre Degenszajn].



- <sup>15</sup> Fernando Paixão. *Fogo dos rios*. São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 35.
- <sup>16</sup> Gilles Deleuze. *Conversações*. Tradução de Peter Pal Pélbart. São Paulo, Editora 34, 1992, pp.224.
- <sup>17</sup> Loïc Wacquant. *As duas faces do gueto*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo, Boitempo, 2008, pp. 78-80.
- <sup>18</sup> Idem.
- <sup>19</sup> Ibidem.
- <sup>20</sup> Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2003, p. 284.
- <sup>21</sup> Hakim Bey. *Caos*. Tradução Patrícia Decia e Renato Resende. São Paulo, Conrad, 2003, p. 88.
- <sup>22</sup> Alexander Soljenitsin. *Arquipélago Goulag*. Tradução de Francisco Ferreira, Maria M. Llistò e José A. Seabra. São Paulo, Círculo do Livro, 1975, pp. 15-16.
- <sup>23</sup> Idem, pp. 467-468.
- <sup>24</sup> Idem, p. 478.
- <sup>25</sup> Idem, pp. 479-480.
- <sup>26</sup> Terezin (*Theresienstadt*) *Concentration Camp*. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/terezin.html> (Acesso em 15/02/2009) [Tradução do inglês por Beatriz Scigliano].
- <sup>27</sup> Pedro Catallo. “Subsídios para a história do movimento social no Brasil” in *verve*, São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, n. 11, 2007, p. 25.
- <sup>28</sup> e. e. cummings. *eu: seis conferências*. Tradução de Cecília Rego Pinheiro. Lisboa, Assírio & Alvim, 2003, p. 76.
- <sup>29</sup> Salete Oliveira. “Notas para abolição dos campos de concentração e de extermínio” in *verve*, Nu-Sol/PUC-SP, n. 7, 2005, pp. 43-56.
- <sup>30</sup> Anne Applebaum. *Gulag: Uma História dos Campos de Prisioneiros Soviéticos*. Tradução de Mário Vilela e Ibraíma da Fonte. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003, p. 119.
- <sup>31</sup> Samuel Beckett. *Fim de partida*. Tradução de Fábio de Souza Andrade. São Paulo, Cosac e Naify, 2002, p. 86.



<sup>32</sup> Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998, p. 77.

<sup>33</sup> Maria Lacerda de Moura. “A política não me interessa” in *verve*, Nu-Sol/PUC-SP, n. 10, 2006, p. 235.

<sup>34</sup> Michel Foucault. “O sujeito e o poder” in Hubert Dreyfus e Paul Rabinow: *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995, p. 239.

<sup>35</sup> Edson Passetti. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez, 2003, p. 251.

<sup>36</sup> Nise da Silveira *apud* Bernardo Carneiro Horta. *Nise, arqueóloga dos mares*. Rio de Janeiro, Edições do autor/ Biblioteca Nacional, 2008, pp. 156; 288-289.

<sup>37</sup> Konstantinos Kaváfis. “À espera dos bárbaros” in *Poemas*. Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, pp. 106-107.

<sup>38</sup> Angélica Freitas. “ítaca” in *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo, Cosac Naify, 2012, pp. 50-51.

<sup>39</sup> Roberto Bolaño. *Os detetives selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 571.

<sup>40</sup> João Guimarães Rosa. “Bibliocausto” in *Magma*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997, pp. 138-139.

***Thresholds of freedom, Edson Passetti & Acácio Augusto.***



AULA-TEATRO 13

# limiaries da liberdade

20 e 21 de maio de 2013

19h30

Tucarena, PUC-SP

Retirada de ingressos na bilheteria do Tucarena  
20 e 21 de maio, das 18hs às 19hs

faculdade de ciências sociais, puc-sp  
programa de estudos pós-graduados em ciências sociais, puc-sp  
projeto temático fapesp - ecopolítica: governamentalidade planetária, novas institucionalizações  
e resistências na sociedade de controle

[www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org)

